

Paulinho Nogueira

Em Campinas, até um pouco antes de 1953 tinha o "Grupo Cacique", entre outros grupos musicais que se reuniam em casas de amigos, em bares e às vezes no Teatro Municipal. O "Grupo Cacique" interpretava um repertório variado de sambas, valsas e marchas, bem ao estilo dos "Anjos do Inferno" e do "Bando da Lua". O violonista deste grupo era o jovem Paulinho Nogueira, que alguns anos depois figuraria numa lista ao lado de Baden Powell, Dilermando Reis, Aníbal Augusto Sardinha, e Canhoto, como um dos maiores violonistas brasileiros.

A carreira de Paulinho Nogueira começou desde cedo em contato com o violão. "Eu nasci numa casa, onde meu pai tocava violão, e meus dois irmãos mais velhos também tocavam — conta Paulinho — Desde cedo eu ouvia muito este instrumento, e me influenciei por Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto, que para mim foi o melhor músico de todos os tempos".

Da influência cresceu o interesse de Paulinho. Interesse que moveu uma vivência musical iniciada na infância. O aprendizado se desenvolveu muito mais na prática, que na teoria. "Não tive professores, me aproximei das pessoas que tocavam. Em casa todo mundo curti música, e quando vi já estava solando. E de certa forma foi bom porque criei um estilo próprio".

O estilo criado por Paulinho Nogueira, é um dos responsáveis por sua carreira, e por ser considerado um dos maiores intérpretes do violão. O estilo de Paulinho Nogueira fez com que em 1960, ele conseguisse muito sucesso com a gravação de "Barquinho" de Ronaldo Boscoli e Menescal. "Com ela eu ainda peguei uma fase boa na música instrumental. A música foi muito tocada nas rádios, e também houve boa vendagem de discos".

Saindo de Campinas em 1953, Paulinho Nogueira foi para São Paulo a fim de fazer um curso de desenho, que segundo ele felizmente não deu certo. Após a desistência do curso, começou a trilhar o mesmo caminho, que muita gente de nossa música também já trilhou.

Semanalmente Paulinho tocava em algumas casas noturnas de São Paulo, e vieram os cantatos com os outros músicos, e muita gente ligada a música, o que resultou seu primeiro Lp. em 1960, "Voz e Violão". Disco que lhe confiou muitos elogios como instrumentista brasileiro.

Solista

Como solista Paulinho Nogueira reúne uma discografia com cerca de 10 discos, ao longo de 20 anos de carreira. O que comprova, a intimidade de Paulinho com seu violão interpretando estilos musicais diferentes. Atualmente ele alterna seus trabalhos entre discos de solos de violão e discos cantados. "Depois que surgiu a bossa-nova, se conseguiu quebrar aquele tabu, de que só o cantor que tivesse muito material de voz poderia cantar em público — conta Paulinho — só aí então é que eu pude gravar, eu que já cantava intimamente há muito tempo, fiz meu primeiro disco cantado em 1962".

O disco lançado em 1962, veio com a música "Menino desce daí" canção

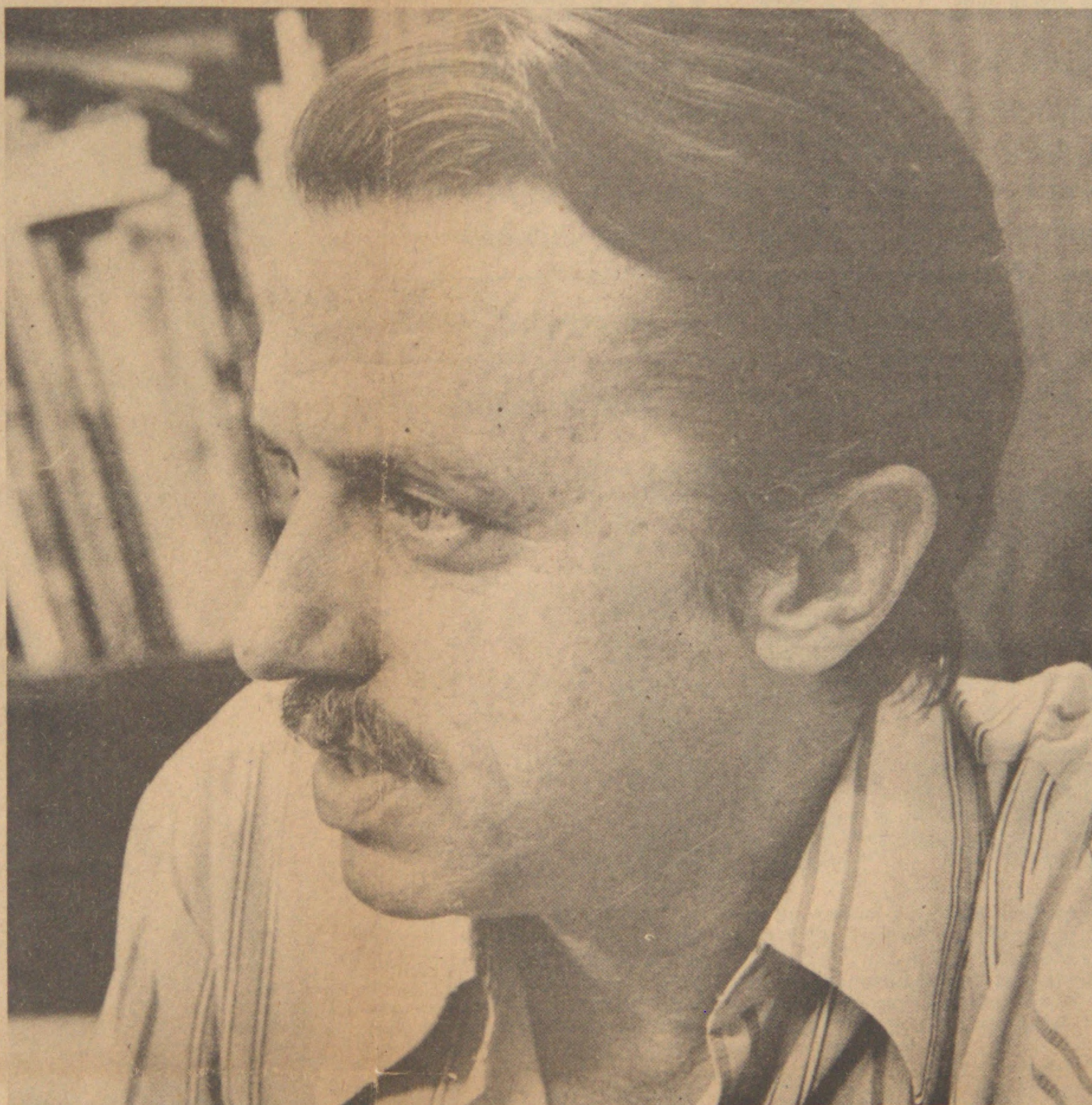
Ele não é só um instrumentista. É desenhista também. E entre seus trabalhos, está a criação da craviola, que a princípio era para ser só dele. Mas depois, mostrando aos fabricantes, acharam a idéia tão boa, que acabaram por fazer uma produção em série do instrumento. Muitos conjuntos estão usando a craviola, a exemplo do Led Zepellin. No Brasil ele tem um intérprete exclusivo: Stênio Mendes, sobrinho de Paulinho Nogueira. Nesta entrevista a Edmundo Heráclito ele fala, também, da música popular.

que em pouco tempo se tornou sucesso, e foi a lançadora da voz de Paulinho Nogueira. Depois do lançamento, segundo ele, "a coisa funcionou maravilhosamente, e com isso eu passei a alternar". Desta alternativa em 1970 conhecemos "Menina", uma música carregada de intimismo e beleza que chegou a superar o sucesso de "Menino Desce Daí".

"Menina que um dia conheci criança/ me aparece assim de repente/ linda, virou mulher/ Menina como pude te amar agora/ te carreguei no colo menina/ cantei pra te dormir". Em 1970 muita gente ficou a cantar estes versos, que numa melodia quase de fazer dormir, ainda é hoje uma das mais bonitas criações de nossa música popular.

O perfil e um novo trabalho

Este cidadão de 51 anos, consagra-



do violonista, agora se preocupa em fazer do instrumento o ponto de apoio para suas composições, onde ele quer deixar suas impressões do dia-a-dia. Falando de tudo que o cerca, de uma maneira definida por cada momento.

Mesmo tendo saído de Campinas, em 1953, Paulinho diz que nunca sentiu saudades daqui, por que sempre vem visitar seus parentes, e passar fins-de-semana em seu sítio em Jaguariúna. Atualmente ele pretende fazer várias viagens, todas com a proposta de divulgar seu trabalho mais recente o Lp "Nas Asas do Moinho", onde ele apresenta algumas coisas novas, entre elas novos parceiros.

"São pessoas que ultimamente tem convivido comigo, alguns ex-alunos. Por exemplo José Carlos Costa Netto, que também é produtor do disco. Ele é meu advogado há muito tempo, foi meu aluno, e numa aula ele fez a letra. Eu fiz uma música e daí pintou praticamente o disco. Neste disco está

presente um trabalho da poetisa Ilka Brunilde, autora da letra de "Nas Asas do Moinho", que é uma pessoa de muita sensibilidade, e que consegue dizer as coisas com muita clareza, com palavras bonitas e simples". Além de tudo, "Nas Asas do Moinho" mostra um Paulinho Nogueira cantando de uma forma bem comportada, com uma voz de respeitável sonoridade e afinação.

Ao longo da carreira, Paulinho Nogueira teve algumas atividades paralelas, algumas delas foram o que garantiu uma média situação financeira. Entre estas atividades Paulinho, por volta de 1960 deu aulas de violão, e entre seus alunos está o nome de Antonio Pecci Filho, o Toquinho, "durante dois anos eu lecionei para ele, mas depois de certo tempo ele ia tão bem que eu cheguei e falei, não convém eu continuar lhe ensinando, por que você está querendo explodir, e se você ficar sempre preso a um professor, acabará assimilando demais o estilo do professor. Depois disso o Toqui-

nho começou a viajar acompanhando outros músicos, até que felizmente encontrou o Vinicius, com quem é dono de um trabalho maravilhoso".

Destes dois anos de convivência, uma grande amizade se fez entre estes dois violonistas, e daí surgiu a bonita criação de "Choro chorado pra Paulinho Nogueira", uma parceria de Paulinho, Toquinho e Vinicius. Paulinho conta como surgiu esta música. "Certo dia eu fui mostrar pro Toquinho, e esqueci a segunda parte da música, ele gostou tanto, que fez uma outra segunda parte, substituindo a esquecida, e depois ele, mostrando pro Vinicius, também gostou muito e resolveu fazer uma letra. E ele sentiu e colocou muito bem as coisas que aconteceram em minha amizade com o Toquinho".

O violão

Na maioria das residências na Espanha há um violão, como há também

alguém que sole, ou seja um estudante do instrumento. No Brasil o violão também é muito encontrado, embora, como já é costume dizer, são poucos os que tocam e muitos os que arrancam. Paganinni dizia que o violão é o instrumento mais fácil de se tocar mal, e o mais difícil de se tocar bem. Paulinho Nogueira acha que "ao violão todo mundo começa bem, mas atinge um ponto que precisa ter muita determinação para levar a coisa a diante, mesmo assim é bom que muitos toquem medianamente, dando uma contribuição ao canto, acompanhando em músicas populares. O violão para a gente se aperfeiçoar exige uma dedicação total, e vemos casos que o sujeito com vocação é preciso mudar de profissão por falta de motivação e estímulo, e é por isso que prevalece os antigos valores solistas de violão".

Em termos de mercado, a música instrumental ocupa um pequeno espaço, e Paulinho Nogueira vê aí mais uma desmotivação para quem quer fazer carreira como instrumentista. "Agora é que as emissoras FM começaram a divulgar um pouco mais nossa música instrumental, mais ainda não como deveria ser, não o suficiente pra possibilitar um cara viver só de tocar violão. Assim muitos estudantes deixam a música ou procuram outros caminhos que não o da música instrumental".

Para Paulinho Nogueira, a invasão de música estrangeira tem também uma grande dose de responsabilidade ao desaparecimento, ou ao não aparecimento de novos instrumentos. Mas ele acha que essa situação não irá durar muito tempo, e que a música popular brasileira sobrevive por causa de gente que impõe seu trabalho.

"Graças a Deus, existem caras como Chico Buarque, como Gonzaginha, gente que impõe seu valor, e vendem discos, e são divulgados nas rádios. Enfim podemos dizer que nossa música vive pela resistência do músico brasileiro, e espero que daqui a alguns anos a legislação proteja mais o músico brasileiro".

A craviola

Entre as atividades paralelas que Paulinho Nogueira desenvolveu, está a de desenhista, onde ele tem a Craviola como sua criação. "Eu queria fazer uma espécie de violão, para mim, e depois do desenho pronto, mostrei a Gianinni, mas ele achou que a coisa deveria ser feita em série, ser industrializada, e não apenas fazer uma pra mim. Assim a coisa ficou conhecida, e hoje a craviola está em muitos países, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, e Japão. Muitos conjuntos estão usando, inclusive o Led Zepellin". Já no Brasil, a Craviola ganhou um intérprete exclusivo, o Stênio Mendes, sobrinho de Paulinho Nogueira, que logo depois da criação do instrumento resolveu se dedicar somente a ele. "Parece que fiz o instrumento para o Stênio", tamanho tem sido o entrosamento dos dois.

Paulinho Nogueira estará se apresentando em Abril ou Maio em Campinas, num show onde ele mostrará músicas de "Nas Asas do Moinho", junto a suas outras composições conhecidas.